

CONCEPÇÕES DE LEITURA E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS: IMPLICAÇÕES NA FORMAÇÃO DE LEITORES

BEATRIZ PEREIRA DA SILVA¹
CLAUDIANA MARIA NOGUEIRA DE MELO²

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo de investigar as práticas pedagógicas utilizadas por uma professora alfabetizadora em uma escola com bom índice nas avaliações de larga escala do município de Caucaia – CE, no sentido de compreender quais as concepções de leitura da professora e analisar que tipo de leitores essas práticas estão formando. Fundamentamos nossa pesquisa nos estudos de Solé (1998); Collelo (2021); Barbosa e Souza (2006); Brandão (2006) e Leal e Melo (2006). A pesquisa se caracteriza dentro da abordagem qualitativa, por meio de um estudo de caso com uma professora de segundo ano do Ensino Fundamental. Para obtenção dos dados foi realizado um questionário on-line e uma entrevista. Como resultados podemos destacar que a professora pesquisada por meio de suas falas e vivências revela que se aproxima da concepção de leitura interativa. Utiliza em suas aulas práticas pedagógicas que permitem que os estudantes possam caminhar para a formação de leitores ativos. Concluímos que as concepções de leitura que acreditamos enquanto educadores irão direcionar nossa prática pedagógica e implicam nos modos em que as experiências com a língua, em especial a leitura que é tema desse estudo, serão ofertadas pelos professores e vivenciadas pelas turmas. Desta forma, se pretendemos formar cada vez mais leitores com autonomia, consciência e criticidade é preciso avançar

1 Graduada do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Ceará – UFC, Especialista em Alfabetização de Crianças e Multiletramentos, Especialista em Educação Infantil, silva.beatriiz@gmail.com;

2 Professora Orientadora: Doutora em Educação, Faculdade de Educação - UFC, claudiana-melo.ed@gmail.com.

com urgência no debate acerca das concepções de leitura que proporcionem os usos da língua como construção de sentidos e significados.

Palavras-chave: Concepções de leitura, Leitura, Alfabetização, Prática pedagógica, Formação de leitores.

INTRODUÇÃO

Há tempos se discute acerca da alfabetização e da aprendizagem da leitura. O debate geralmente se direciona a quais métodos são mais efetivos e o que fazer para aumentar as taxas de alfabetização, porém muitas vezes as concepções de leitura não são revisitadas, nem compreendidas como fator importante na prática pedagógica da construção do sujeito que lê. Como afirma Solé (1998, p. 33)

[...] o problema do ensino de leitura na escola não se situa no nível do método, mas na própria conceituação do que é leitura, da forma em que é avaliada pelas equipes de professores, do papel que ocupa no Projeto Curricular da escola, dos meios que se arbitram para fortalecê-la e, naturalmente, das propostas metodológicas que se adotam para ensiná-la. [...] (SOLÉ, 1998, p.33)

Com base nisso, consideramos importante avançar no debate acerca das concepções de leitura para que possamos formar leitores críticos e com autonomia. Afinal os indicadores de alfabetização brasileiros permanecem demonstrando para a sociedade que ensinar crianças a ler é um desafio que ainda não superamos.

Se enquanto educadores pretendemos formar leitores com autonomia, consciência e criticidade é preciso avançar com urgência no debate acerca das concepções de leitura que proporcionem os usos da língua como construção de sentidos e significados.

Esse estudo foi realizado com o objetivo geral de investigar as práticas pedagógicas utilizadas por uma professora alfabetizadora em uma escola com bom índice nas avaliações de larga escala do município de Caucaia – CE, no sentido que compreender como a leitura está sendo ensinada em uma instituição que está obtendo êxito na alfabetização de crianças. Para que nosso objetivo maior seja respondido buscamos em nossa pesquisa atender aos seguintes objetivos específicos: compreender as concepções de leitura da professora; e investigar os tipos de leitores que estas práticas estão formando.

Em nossa sociedade existem diferentes concepções de leitura, ou seja, diferentes formas de compreender o ato de ler. Colello (2021, p. 52) expõe que essas concepções estão presentes nas escolas e influenciam na aprendizagem “criando um cenário de imprecisão de objetivos,

ineficiência nas práticas de planejamento e avaliação, desajustamento metodológico, insegurança dos professores, desequilíbrio do projeto educativo e incertezas dos resultados.” Afinal, quando não se sabe de maneira definida qual concepção se acredita não é possível trabalhar estratégias e metodologias que se adequem aos objetivos que buscamos atingir na aprendizagem da leitura, gerando, assim, lacunas e déficits nos conhecimentos dos estudantes.

Nesse sentido, Colello (2021) classifica e divide as concepções de leitura em três modalidades: *Clássica*; *“Versão menos centrada nas letras”* (p.52); *Baseada na concepção de língua de Bakhtin*. As duas primeiras concepções entendem a língua como algo rígido e impassível de mudanças. O sujeito que lê não tem papel ativo durante o processo, cabendo a si apenas captar as informações. Dessa forma consideramos que estas concepções não dão conta da amplitude da língua e suas relações entre textos e sujeitos. A terceira concepção nos permite compreender e explorar essa amplitude. O texto não é apenas o que está posto no papel, ou meramente um código a ser decifrado. Podemos compreendê-lo dentro de uma função dialógica de construção e reconstrução de significados.

Solé (1998) em seus estudos acerca das concepções de leitura também apresenta três modelos: *Ascendente*; *Descendente* e *Interativo*. Chamamos atenção para a concepção interativa de leitura, pois ela compreende que

[...] para ler, é necessário dominar as habilidades de decodificação e aprender as distintas estratégias que levam a compreensão. [...] Também se supõe que o leitor seja um processador ativo do texto, e que a leitura seja um processo de constante de verificação de hipóteses que levam à construção da compreensão do texto e do controle desta compreensão – de comprovação de que a compreensão realmente ocorre. (SOLÉ, 1998. p.24)

Com base nas concepções de leitura apresentadas por Colello (2021) e Solé (1998) acreditamos que tanto a percepção baseada compreensão de língua de Bakhtin quando o modelo interativo se assemelham e nos parecem mais adequados quando buscamos compreender os aspectos que formam o sujeito leitor, pois estes conceitos

nos permitem explorar a língua em seus diversos usos sociais, bem como a construção de sentidos que atribuímos para estes usos.

Além disso, devemos buscar formar leitores autônomos para que possam ser capazes de superar os desafios que a leitura nos apresenta dentro da diversidade de gêneros textuais que possam se deparar em sua vida.

Formar leitores autônomos também significa formar leitores capazes de aprender a partir dos textos. Para isso, quem lê deve ser capaz de interrogar-se sobre sua própria compreensão, estabelecer relações entre o que se lê e o que faz parte do seu acervo pessoal, questionar seu conhecimento e modificá-lo, estabelecer generalizações que permitam transferir o que foi aprendido para outros contextos diferentes [...] (SOLÉ, 1998. p. 72)

Se pretendemos atingir a construção de leitores ativos, temos que compreender e ensinar para os estudantes que toda leitura tem uma finalidade, ou seja, quando lemos temos um objetivo a alcançar com essa leitura. Esse objetivo não será sempre igual para todos os gêneros, nem para os sujeitos.

Dessa forma, consideramos que compreender a leitura como um processo interativo permite formar leitores críticos, reflexivos e com capacidade de interagir e construir sentidos ao que lê.

O trabalho do professor em sala, com base nessa concepção de leitura, permitirá uma diversidade de interpretações, contribuindo para o debate e a colaboração dos estudantes nas construções de sentido, como afirma Colello (2021, p. 54),

Na prática pedagógica, compreender a leitura como negociação dos sentidos, feita por um indivíduo de modo singular e necessariamente contextualizado pelo tempo e espaço, permite vislumbrar as múltiplas interpretações possíveis com base em um mesmo material escrito.

Consideramos, assim, que o debate sobre as concepções de leitura poderá auxiliar aos professores na sua prática pedagógica de alfabetização em sala de aula. A seguir apresentaremos os procedimentos metodológicos que fizeram parte de nosso trabalho.

METODOLOGIA

A presente pesquisa se situa no campo qualitativo, pois, como afirma Minayo (2007, p.21)

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se ocupa, nas Ciências Sociais, com um nível de realidade que não pode ou não deveria ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. Esse conjunto de fenômenos humanos é entendido aqui como parte da realidade social, pois o ser humano se distingue não só por agir, mas por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes. O universo da produção humana que pode ser resumido no mundo das relações, das representações e da intencionalidade e é objeto da pesquisa qualitativa dificilmente pode ser traduzido em números e indicadores quantitativos. [...]

Além disso, buscaremos compreender as concepções de leitura da professora pesquisada por meio de um estudo de caso. Merriam (1988. *Apud* BOGDAN; BIKLEN, 1994. p.89) afirma que “o estudo de caso consiste na observação detalhada de um contexto, ou indivíduo, de uma única fonte de documentos ou de um acontecimento específico.”

Nesse sentido o sujeito de nossa pesquisa será uma professora que leciona o componente curricular de língua portuguesa no segundo ano do Ensino Fundamental em uma escola pública da rede municipal de Caucaia-CE, que obteve êxito na avaliação externa promovida pelo estado do Ceará.

Para a obtenção dos dados optamos por realizar em um primeiro momento um questionário on-line por meio da plataforma *Google Forms*, no qual traçamos uma sondagem acerca da formação inicial e continuada da professora, de sua experiência enquanto alfabetizadora e dos seus conhecimentos acerca de concepções e práticas de leitura. Esses dados foram analisados e também serviram de subsídio para que pudéssemos aprofundar questões na etapa seguinte: a entrevista.

O modelo de entrevista utilizada foi a semiestruturada, na qual buscamos aprofundar o conhecimento sobre as práticas pedagógicas

da professora pesquisada que envolvem o ensino da leitura, bem como entender mais acerca de suas concepções de leitura.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em meio a entrevista perguntamos a professora o que ela considera como leitura e, segundo a mesma, ler é “conseguir decodificar tudo o que tá ali e compreender o que foi decodificado.” Ela complementa sua explicação trazendo mais elementos “Então é isso, pra mim, na minha concepção, eles só são leitores depois que eles compreendem o que eles *tão* lendo. Não é só soletrar as palavras.” Destacamos dois pontos centrais desse conceito elaborado pela professora: decodificação e compreensão.

Concordamos com a professora que para um sujeito ser considerado um leitor ele precisa, além de decodificar a escrita, compreender o que está lendo, afinal “(...) sem compreensão, a leitura perde todo o sentido.” (BRANDÃO, 2006. p. 59) Fazemos uso da leitura com diversas funções em nosso cotidiano, entre elas, podemos ler por prazer, para receber mensagens, para nos informar, para nos orientarmos e até para escrever (LEAL; MELO, 2006), porém, dentre as funções da leitura a comunicação é o ponto de interseção, sem que haja a compreensão da leitura não é possível que esse objetivo seja cumprido.

Aos poucos a professora foi ampliando mais sua concepção de leitura, afirmando que o leitor começa a se formar antes mesmo de saber ler, por meio das experiências que vivencia ao longo de sua vida em sociedade. Concordamos com sua afirmação, pois como Freire nos ensina (1989) a “leitura do mundo precede a leitura da palavra”.

“A criança desde pequena, ela já vai absorvendo tudo o que ela vê. O leitor ele se forma desde antes da leitura, né? De antes... Tudo que é de mundo que ele vai vendo, ele visualiza desenhos, ele visualiza letras, visualiza números e vai começando a perceber que tudo aquilo ali, sem saber ele começa a entender que tudo ali tem uma função.” (Fala da professora pesquisada)

Nesse sentido, podemos dizer que a criança passa por uma construção de sentidos acerca do que é a linguagem ao longo da sua vida. Essa construção vai sendo feita por meio das vivências de mundo

que são proporcionadas a essa criança e precisam ser conhecidas e consideradas como válidas pela escola e pelo professor, para que a aprendizagem da leitura e da escrita venha complementar e ampliar seus conhecimentos a partir do que ela já vem formulando por meio do seu relacionamento com a sociedade em que está inserida.

O trecho da entrevista a seguir, contribui com nossa afirmação de que o processo de alfabetização precisa conversar com o contexto dos estudantes.

Para ele ser considerado um leitor, ao meu ver, quando ele consegue ler e compreender o que ele *tá* lendo. Pra mim é fundamental. Não adianta eu não colocar palavra dentro do contexto da vida dele. Pra mim é fundamental que ele entenda. Eu não me satisfaço se... “Ah, ele já leu - A BALA É BOA” Eu não me satisfaço por que eu acho que ele tem que compreender o que ele *tá* lendo, pra que aquilo serve. A função mesmo... social dele. Ele saber que ele *tá* lendo um texto que aquilo ali vai levar ele a algum lugar. Que aquele texto que ele *tá* lendo serve pra uma receita, que aquele texto que ele *tá* lendo serve pra ele tomar direito um remédio... Tem que ter isso. Isso me angustia quando eu *tô* ensinando os gêneros textuais, que eu fico “Vocês têm que entender pra que que serve isso!”. (Fala da professora pesquisada)

Desse modo, consideramos que trazer para a discussão em sala de aula dos usos reais dos textos dentro de um contexto que faça sentido para o grupo são muito importantes para que se consiga construir uma relação entre os estudantes e a leitura, e isso é possível de ser notado quando a professora traz a importância de que os estudantes compreendam a função social dos gêneros textuais. Como afirmam Leal e Melo (2006. p.55),

[...] para que os alunos interajam de maneira mais efetiva com os textos de modo a garantir um maior envolvimento destes com a leitura, faz-se necessário que a leitura na sala de aula não seja algo dissociado da leitura que eles costumam fazer no dia-a-dia. Explicando melhor: a leitura, como qualquer outro ato lingüístico, deve estar ligada a um propósito, deve desempenhar uma função social. Isso porque, na construção do sentido de um texto,

os propósitos do leitor são, no mínimo, tão importantes quanto as intenções do autor. Além de selecionar textos interessantes, devemos, então, criar situações que provoquem, nos alunos, a necessidade de ler tal material, inserindo-os em eventos de diferentes esferas de circulação de textos [...]

Além do aspecto que já destacamos, consideramos importante a compreensão da professora em buscar construir com os estudantes sentidos para a leitura, afastando-se de textos sem significado e trazendo para as aulas a compreensão dos usos sociais dos textos de acordo com os gêneros e suas situações comunicativas.

Diante do que pudemos observar o conceito de leitura trazido pela professora a partir de suas vivências e práticas pedagógicas se aproxima da concepção de *leitura interativa* (SOLÉ, 1998), que como já apresentamos anteriormente em nosso texto, considera que a leitura é constituída na relação entre leitor e texto, bem como dos significados que os sujeitos constroem por meio de suas vivências de mundo e do que compreenderam durante a leitura. “Assim, o leitor utiliza simultaneamente seu conhecimento de mundo e seu conhecimento de texto para construir uma interpretação sobre aquele.” (SOLÉ, 1998. p. 24)

Dessa forma, entendemos que se situando em uma perspectiva interativa de leitura é necessário que se trabalhe a construção de sentidos a partir dos textos lidos, pois essa relação dialógica entre sujeito e sentidos atribuídos levará a construção da compreensão. Ou seja, “essa concepção abre-se para o fato de que não há uma única maneira de abordar o texto, e uma única maneira de interpretá-lo. O que passa a contar para a construção do sentido do texto é, em grande parte, a experiência do leitor.” (BARBOSA; SOUZA, 2006, p.19)

Ao ser convidada a refletir sobre que perfil de leitor ela pretende formar, a professora prontamente respondeu “O leitor crítico. Que ele realmente consiga compreender e buscar o que ele quer pra vida dele. Através da leitura. Isso pra mim é o auge.” Ela segue complementando sua visão do que seja um leitor crítico afirmando que

“Você saber que você conseguiu formar alguém capaz de articular o que pensa e o que quer através da leitura é o auge pro professor. É esse o leitor que eu quero formar. Alguém que leia e seja capaz de buscar o que quer pra sua vida e melhorar sua vida, melhorar a vida sua

família através daquela prática ali.” (Fala da professora pesquisada)

A professora toca num aspecto muito importante, o papel da leitura como meio de transformação social. Para esse objetivo ser atingido é preciso que o estudante se aproprie da leitura e que consiga compreender e fazer uso das suas funções de modo que a mesma possa atingir as expectativas e necessidades de acordo com os usos sociais reais dos textos.

Esse leitor crítico mencionado pela professora, pode também ser chamado de leitor ativo (SOLÉ, 1998) consegue processar o texto escrito com proficiência atribuindo significados a este, de modo a construir sua compreensão. Nesse sentido, ao caminharmos em direção a esse modelo de leitor “[...] é preciso desenvolver atividades que permitam ao aprendiz estabelecer propósitos para a leitura e controlar o próprio processo de leitura em função dos objetivos estabelecidos.” (LEAL; MELO, 2006. p.56)

Foi pedido que a professora refletisse se as suas práticas estavam de acordo para que esse leitor crítico fosse formado e ela concordou.

Eu acho. Por que eu falo da vida pra eles o tempo inteiro, que o que a gente tem ali... Eu digo assim pra eles, uma frase que eu digo pra eles “O futuro de vocês já começou! Aqui! Não espere chegar o futuro, o futuro de vocês tá começando aqui.” Eu digo isso pra eles todo dia.

Eles vão aprender brincando, mas aquilo ali é o que vai fazer o futuro deles. Então eles têm que entender essa seriedade do que eles tão fazendo ali não é à toa. Tem todo um sistema, embora às vezes mostre o contrário, ou queiram o contrário, né? mas o sistema todo é feito pra eles, em prol deles. Que eles consigam absorver aquilo, que a escola tá dando o melhor, que tem merenda por que eles têm direito, que tem farda, que tem livro, por que eles têm direito. Que eles usufruem disso da melhor forma possível. Que eles têm todos os mecanismos. Eu tento colocar isso na cabeça deles o tempo inteiro. (Fala da professora pesquisada)

De acordo com a professora sua prática pedagógica está alinhada com a formação de leitores ativos, concordamos com a professora em sua afirmação. Afinal é possível notar a sua preocupação em fazer com

que os estudantes compreendam e façam uso da língua para além do processo de decodificação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do que foi apresentado ao longo deste estudo, foi possível entender sobre as concepções de leitura vigentes e que a relação entre a concepção e a maneira que se direciona as aprendizagens dentro dessa temática.

Conhecer sobre o que uma professora alfabetizadora pensa sobre o que é leitura e como realiza sua prática em sala de aula foi importante para que pudéssemos ver na realidade a relação entre as concepções de leitura que possuímos e as ações que realizamos para que os estudantes atinjam o que é desejado por nós professores.

Nesse sentido, podemos compreender que a professora pesquisada compreende a leitura como relação de construções de sentidos e que suas práticas pedagógicas se baseiam em auxiliar os estudantes a compreender e fazer uso da língua em suas diversas funções e necessidades.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Maria Lúcia Ferreira de Figueirêdo; SOUZA, Ivane Pedrosa de. Sala de aula: avançando nas concepções de leitura. *In*: BARBOSA, Maria Lúcia Ferreira de Figueiredo; SOUZA, Ivane Pedrosa de. **Práticas de leitura no Ensino Fundamental**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006, p.11-22.

BRANDÃO, Ana Carolina Perrusi. O ensino da compreensão e a formação do leitor: explorando as estratégias de leitura. *In*: BARBOSA, Maria Lúcia Ferreira de Figueiredo; SOUZA, Ivane Pedrosa de. **Práticas de leitura no Ensino Fundamental**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006, p. 59-76.

COLELLO, Sílvia M. Gasparian. **Alfabetização**: O quê, por quê e como. São Paulo: Summus, 2021.

LEAL, Telma Ferraz; MELO, Kátia Reis. Planejamento do ensino da leitura: a finalidade em primeiro lugar. *In*: BARBOSA, Maria Lúcia Ferreira de Figueiredo;

SOUZA, Ivane Pedrosa de. **Práticas de leitura no Ensino Fundamental.** Belo Horizonte: Autêntica, 2006, p. 39-58.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES Romeu. **Pesquisa social:** teoria, método e criatividade. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura.** Porto Alegre: ArtMed, 1998.